



PRÓLOGO

O rei soube naquele instante que o seu amor maior seria também a sua ruína, e que ambos viriam sob a forma improvável de uma jovem humana.

Tinha adiado muito tempo compenetrar-se disso. Talvez mais tempo do que gostaria de admitir para si próprio. A clarividência, por estranho que pareça, chegou num momento de caos absoluto — com os gritos enfurtecidos da assistência, a arena do coliseu ensopada de sangue, a agitação dos corpos e o suor e o sangue, num momento em que a jovem mal conseguia evitar os ataques brutais da sua agressora.

O rei não conseguia propriamente pensar nesse momento. Limitava-se a reagir. A tentar desviar da humana a atenção da Cria-do-Sangue. A tentar meter-se entre elas. Mas falhando nesse intento.

A competidora Cria-do-Sangue só tinha um objetivo: perseguir a humana.

Um golpe, e outro, e outro, e a jovem mulher caiu no chão, a Cria-do-Sangue a agigantar-se sobre ela, e o rei não conseguia sentir mais nada, a não ser o coração na garganta enquanto a espada se erguia.

E depois o rei olhou para cima, para as bancadas, e os seus olhos caíram tão facilmente sobre o príncipe Cria-do-Sangue, de pé, de braços cruzados e uma cigarrilha nos lábios, com um sorriso cínico.

Compreendeu exatamente o que dizia esse sorriso: *Eu sei o que tu queres. Tu sabes o que eu quero.*

Foi aí, nesse momento, que a clarividência desceu sobre ele.

«Tu destruíste-me», tinha dito à jovem mulher na noite anterior.

Ela ia destruí-lo.

E valeria a pena.

Porque o rei nem pensou duas vezes, nem sequer hesitou, quando cruzou o olhar com o do príncipe — e assentiu.

Um pequeno movimento, e acabara de entregar o seu reino.

Um pequeno movimento, e sabia exatamente o que tinha de fazer.

Os segundos seguintes fundiram-se uns nos outros. O sorriso cínico do príncipe a transformar-se num sorriso satisfeito. O sinal feito à competidora Cria-do-Sangue. A hesitação da competidora, tão perfeitamente calculada, e a espada da humana a trespassar-lhe o peito.

E depois eram só ele e ela, e um prémio que só um podia reivindicar, conquanto vivesse.

Só restava uma escolha. Não a questionou. Tinha acabado de fazer um acordo para salvar a vida dela — um acordo que destruiria o seu reino, e do qual ele só tinha uma forma de escapar.

Trezentos anos era muito tempo para se viver. Mais tempo, pensara muitas vezes, do que qualquer criatura merecia.

Os dois olharam em silêncio um para o outro por vários, longos momentos, sem se moverem. Ele lia a sua expressão com tanta facilidade. Era enternecedor que alguém tão irritadiço fosse também tão transparente. Nesse instante, o conflito dela — a sua dor — brilhava como luz perpassando as brechas no muro que ela levantara.

Ele sabia que ela não ia avançar primeiro.

Por isso, avançou ele.

Conhecia-a tão bem. Sabia exatamente como forçá-la a libertar todo aquele poder implacável, letal, tão devastadoramente belo. Era um bom ator. Desempenhou bem o seu papel — mesmo que, por trás da máscara, se encolhesse com cada ferimento que a sua lâmina abria na pele dela.

Dali a muitos anos, os historiadores diriam à boca pequena: «Porquê? Por que razão o fez?»

Se lhe tivessem perguntado nessa noite, poderia ter-lhes dito: «É assim tão difícil de perceber?»

Os seus olhos foram a última coisa que viu antes de morrer.

Eram olhos belos. Invulgares. Prata brilhante, como a Lua, embora habitualmente ensombrados pelas nuvens. Achava belas muitas coisas na humana,

mas acreditava serem os seus olhos a coisa mais deslumbrante. Nunca lhe dissera. No momento em que a lâmina lhe trespassou o peito, o Fogo-Noturno a rodeá-los, perguntou a si próprio se deveria tê-lo feito.

Aqueles olhos revelavam sempre mais do que ela pensava. Ele percebeu o momento exato em que ela compreendeu o seu fingimento — em que viu que ele a enganara.

Quase se riu. Claro que ela reparara. Ela, e aqueles olhos, sempre o tinham posto a descoberto.

Mas era tarde demais. A sua mão agarrou no pulso dela quando a sentiu recuar.

As suas últimas palavras não foram: «Tens uns olhos lindos.»

As suas últimas palavras foram:

— Acaba com isto.

Ela abanou a cabeça, o fogo frio do seu rosto a transformar-se em consternação.

Mas ele sabia que fazia a coisa certa, e aqueles olhos davam-lhe essa certeza. Porque eram fortes e determinados e únicos, nem humanos nem vampíricos, ferozes e ponderados.

Melhores do que os seus. Mais merecedores do que viria a seguir.

— *Acaba com isto* — disse ele, puxando-lhe o pulso.

E não afastou o olhar daqueles olhos ao morrer, pela mão da única pessoa que merecia matá-lo.

Talvez o rei sempre tivesse sabido que o seu grande amor seria a sua ruína. Talvez tivesse sabido no momento em que a conhecera.

Também o saberia da segunda vez que morresse.



Parte um
NOITE





1

ORAYA

O meu pai vivia nos momentos confusos antes de eu abrir os olhos, todos os dias, encurralada entre o sono e a vigília.

Valorizava esses momentos, quando os meus pesadelos já se tinham desvanecido, mas ainda não tinham sido substituídos pela sombra sinistra da realidade. Rebolava em lençóis de seda e inspirava profundamente o odor familiar — rosas e incenso e pedra e pó. Deitada na cama em que dormira durante quinze anos, no quarto que sempre fora o meu, no castelo em que fora criada, o meu pai, Vincent, o Rei das Crias-da-Noite, estava vivo.

E depois abria os olhos, e a inevitável e cruel clareza da consciência rolava sobre mim, e o meu pai voltava a morrer.

Aqueles segundos entre o sono e a vigília eram os melhores do dia.

O momento em que a memória regressava era o pior.

Ainda assim, valia a pena. Dormia sempre que podia, só para arrancar de volta aqueles segundos preciosos. Mas não se pode travar o tempo. Não se pode travar a morte.

Tentei não tomar consciência de que, de cada vez que acordava, aqueles segundos eram mais curtos.

Nessa manhã, abri os olhos e o meu pai continuava morto.

BAM BAM BAM.

Quem quer que estivesse a bater à porta, fazia-o com a impaciência de alguém que estava naquilo há mais tempo do que gostaria.

Quem quer que estivesse a bater.

Eu sabia muito bem quem era o cabrão que estava a bater.

Não me mexi.

Não conseguia mexer-me, na verdade, porque a mágoa me tinha paralisado todos os músculos. Cerrei os maxilares, com mais força, *mais força*, até doer, até ter esperança de que os meus dentes se rachassem. Tinha os punhos cerrados, os nós dos dedos brancos nos lençóis. Sentia o cheiro do fumo — o Fogo-Noturno, a minha magia, a devorá-los.

Tinha-me sido roubado algo precioso. Aqueles momentos confusos em que tudo era como costumava ser.

Deslizei para fora do sono com a imagem do corpo dizimado de Vincent gravada na mente, tão morto e mutilado no meu sono, como quando estava acordada.

— Acorda, princesa! — A voz soou tão alta que, mesmo com a porta fechada, ribombou pelo quarto. — Conheço esses teus sentidos felinos. Achas que não sei que estás acordada? Prefiro que me deixes entrar, mas entro à força se tiver de ser.

Odiava aquela voz.

Odiava aquela voz.

Precisava de mais dez segundos até conseguir olhar para ele. Mais cinco...

BAM.

BA...

Atirei as cobertas para trás, saltei da cama, atravessei o quarto em poucas passadas e abri bruscamente a porta.

— Bate à porta — sussurrei — *mais uma vez, foda-se.*

O meu marido sorriu para mim, baixou o punho levantado, que estava de facto pronto para bater mais uma vez.

— Cá está ela.

Odiava aquele rosto.

Odiava aquelas palavras.

E odiava acima de tudo conseguir, quando ele as disse nesse momento, ouvir a corrente oculta de preocupação — conseguir perceber a forma como o seu sorriso congelara ao observar-me, dos dedos dos pés à ponta dos cabelos, numa avaliação rápida mas exaustiva. O seu olhar parou nas minhas mãos, os punhos cerrados ao lado do corpo, e percebi que tinha um pedaço de seda queimada numa delas.

Queria usar isso para o ameaçar, lembrar-lhe que o pedaço seda podia ser ele, se não tivesse cautela. Mas algo na centelha de preocupação que lhe

passara pelo rosto, e todas as coisas que ela me fez sentir, extinguiu esse fogo no meu estômago.

Gostava da fúria. Era tangível, e forte, e fazia-me sentir poderosa.

Mas não me sentia nada poderosa quando era forçada a reconhecer que Raihn — o homem que me mentira, me aprisionara, tomara o meu reino, e assassinara o meu pai — gostava genuinamente de mim.

Nem conseguia olhar para o rosto de Raihn sem o ver manchado do sangue do meu pai.

Sem ver como ele olhara para mim, como se eu fosse a coisa mais preciosa do mundo, na noite que tínhamos passado juntos na cama.

Demasiadas emoções. Esmaguei-as violentamente com os pés, embora doesse fisicamente, como se engolisse lâminas. Era mais fácil não sentir nada.

— O que foi? — questionei-o. Era uma pergunta sem força, não o ataque verbal que desejava que fosse.

— Vim dizer-te para te arranjares — disse ele. — Temos convidados. Convidados?

O meu estômago revoltou-se contra a ideia — a ideia de ficar perante estranhos, senti-los olhar para mim como para um animal enjaulado, enquanto lutava para manter a compostura.

Sabes controlar as tuas emoções, pequena serpente, sussurrou Vincent ao meu ouvido. *Ensinei-te a fazê-lo.*

Encolhi-me.

A cabeça de Raihn inclinou-se, uma ruga a aprofundar-se entre as suas sobrancelhas.

— O que foi?

Foda-se, odiava aquilo. Ele via sempre.

— Nada.

Sabia que Raihn não acreditava em mim. Ele sabia que eu sabia. Detestava que ele soubesse que eu sabia.

Esmaguei isso também, até essa emoção não passar de mais um zumbido de fundo, coberto por outra camada de gelo. Era preciso um esforço constante para mantê-las assim, e eu estava grata por poder focar-me nisso.

Raihn fitou-me, expectante, mas eu não disse nada.

— O quê? — disse ele. — Não tens perguntas?

Abanei a cabeça.

— Nenhum insulto? Nenhuma recusa? Não vai haver discussão?

«*Queres que discuta?*», quase perguntei. Mas depois ia ter de ver aquela ligeira ruga de preocupação no seu rosto, e teria de reconhecer que ele queria *mesmo* que eu discutisse, e depois ia ter de sentir também essa emoção complicada.

Por isso, limitei-me a voltar a abanar a cabeça.

Ele aclarou a garganta.

— Muito bem. Bom... Toma. Isto é para ti. — Trazia na mão um saco de seda, que me entregou.

Não perguntei.

— É um vestido — disse ele.

— Está bem.

— Para o encontro.

Encontro. Parecia ser importante.

Não te interessa, lembrei a mim própria.

Ele esperou que eu perguntasse, mas não perguntei.

— É o único que tenho, por isso não te dês ao trabalho de discutir comigo por causa dele se não gostares.

Tão pateticamente transparente. Estava praticamente a espetar-me com um pau, para ver quando é que eu reagia.

Abri o saco, deitei um olhar lá para dentro e vi um monte de seda preta.

O meu peito apertou-se. Seda, e não cabedal. Depois de tudo o que acontecera, a ideia de andar por aquele castelo noutra coisa que não uma armadura...

Mas disse:

— Tudo bem.

Só queria que se fosse embora.

Mas agora Raihn nunca abandonava uma conversa sem um olhar longo e persistente, como se tivesse muito para dizer, e isso tudo ameaçasse vir à superfície antes de sair do meu quarto. Sempre, porra.

— O que foi? — perguntei, impaciente.

Mãe, sentia-me como se tivesse os pontos a rebentar, um por um.

— Veste-te — acabou por dizer, para meu alívio. — Volto daqui a uma hora.

Depois de ele se ir embora, fechei a porta e deixei-me cair contra ela, soltando um fôlego trémulo. Manter-me firme naqueles últimos minutos fora

uma agonia. Não sabia como é que ia conseguir fazê-lo em frente a um monte de comparsas de Raihn. Durante mais tempo. Durante *horas*, foda-se.

Não era capaz.

És capaz, sussurrou Vincent ao meu ouvido. *Mostra-lhes como és forte.*

Cerrei os olhos com força. Queria apoiar-me naquela voz.

Mas desvaneceu-se, com acontecia sempre, e o meu pai estava morto mais uma vez.

Pus o estúpido vestido.



Raihn estava nervoso.

Quem me dera não o conhecer tão bem. Mais ninguém parecia ser capaz de o fazer. Porque haveriam de ser capazes? A sua representação era meticulosa. Encarnava o papel do rei conquistador com a mesma facilidade com que encarnara o papel do humano no bar, e o papel do competidor sedento de sangue, e o papel de meu amante, e o papel de meu raptor.

Mas, de alguma forma, eu via quem ele verdadeiramente era. Um músculo a contrair-se na curva do seu maxilar. A concentração ligeiramente vidrada, demasiado intensa do seu olhar. A forma como estava sempre a tocar no punho da manga, como se estivesse desconfortável na máscara que usava.

Quando regressara ao meu quarto, tinha-o fitado, apanhada desprevenida contra a minha vontade.

Usava um casaco preto, rígido e elegante, com um remate azul e uma faixa a condizer por cima do ombro, destacando-se contra os botões prateados e o brocado subtilmente metálico. Era dolorosamente parecido com outro traje que o vira usar certa vez: o traje que envergara no baile da Meia-Lua, o que o Palácio da Lua lhe fornecera. Mesmo nessa altura, porém, o seu cabelo continuara despenteado, a barba por fazer, como se tudo aquilo fosse relutante. Agora, estava bem barbeado. O cabelo penteado e preso, para revelar o topo da sua Marca do Herdeiro na parte de trás do pescoço, a espreitar por cima da gola do casaco. As asas eram visíveis, revelando as linhas de vermelho brilhante nas extremidades e pontas. E...

E...